ELIDA TESSLER

foto: martin streibel

desenhos

foto: martin streibel

desenho sobre papel sobre tela
preto e branco 1988
dim: 2,50 x 1,00m

nimo. Mas o olhar mudou, progressivamente: o que interessa agora é o movimento das linhas e das massas. O foco deslocou-se de um referencial predominantemente afetivo, para outro, basicamente formal. É a fase de transição à não-cor.

Escovas, escovas e escovas. O objeto olhado, estudado, manuseado. O gesto que vai se soltando progressivamente. A forma que vai acompanhando a crescente liberdade. Necessidade de "entrar dentro da escova, semelhante a um fio de cabelo... "*

Pronto, o grande passo foi dado: do estudo do objeto ao mergulho em seu interior; da documentação de sua forma externa ao registro de suas potencialidades propriamente formais.

A escova descabelada, desmontada, destruída — e o desenho, pelo contrário, cada vez mais livre e forte.

O prazer de confeccionar o material, o prazer de mergulhar no objeto, implodi-lo; o prazer do fazer, do gesto, da sensualidade dos materiais (pastel preto, grafite e, em alguns trabalhos, purpurina prata)...

Portas

"Procuro imaginar o quadro como uma porta, pensando: se eu abrir esta porta, o que haverá do outro lado?"*
Porta: nesta conotação, o oposto da "janela" renascentista. A janela aberta era a demonstração do mundo visível, a porta que se abre é a descoberta/criação de mundos. Abrir a janela é olhar de dentro para fora; abrir a porta é sair para fora, descobrir, lançar-se no mundo. Ou sair para dentro? Em que mundos nos lançamos com a arte?

A escova transformada em selva, em mundo — tal como a perceberia, hipoteticamente, o fio de cabelo... Da valorização inicial dos objetos pela pintura, ao objeto como pretexto para a pintura.

Frestas

Nos últimos trabalhos, estreitos, horizontais ou verticais, a idéia de fresta. Na fresta/tela horizontal, mudança do gesto, que passa a lembrar a escrita. Ideogramas." Aqui, lá, onde se encontram esses traços mais escuros, imagino escritos soltos..."*
A magia da palavra, da escrita a ser decifrada. Decifrar: descobrir outro mundo, com sua história, com sua estória. Decifrar assemelha-se a espiar.

Espiar. Espiar pela fresta da porta. A escova já ficou para trás; restou a selva/escrita/mundo e o jogo de sentir medo de sair para fora... Artista e espectadores como voyeurs dos signos, palavras, imagens. A arte, sempre envolve o olhar, alguma forma de olhar — aqui, esta função é apenas mais explícita.

---

* Entrevista de Elida Tessler à autora, maio/1988

ELIDA TESSLER

foto: martin streibel

desenhos

O FIO DO CABELO (E DA MEADA)

Icleia Maria Borsa Cattani

Imagens do Cotidiano

No trabalho de Elida Tessler sempre tiveram primazia as imagens do cotidiano, as imagens dos afetos do cotidiano: retratos de pessoas próximas, "a cozinha de Teresa"... Ao mesmo tempo, a capacidade de reflexão, de altos vôos teóricos. Uma coisa como complemento da outra. A arte como a afirmação das raízes, da terra, do chão. No início, havia a necessidade de fotografar o motivo do desenho a posteriori: não para copiá-lo, mas para comprovar a si mesma a fidelidade ao modelo. Necessidade de apego ao real, simultânea às leituras filosóficas e à poesia...

O cotidiano: Elida sempre manteve uma atitude de deslumbramento, de descoberta do mundo. É o que lhe permite ver as imagens do cotidiano com novos olhos, descobrir nos objetos mais anódinos a força da forma, da textura, da combinação de elementos. Relacionamento topográfico, tátil, com o espaço e com os objetos.

Um fogão, um rádio, um guarda-chuva, uma pia, uma escova de cabelos...

As imagens começaram com um contexto mais narrativo, uma "cena" ou um "cenário". Depois foram se despojando, os objetos passando a valer por si próprios. Objetos-retratos, como os retratos de pessoas. Sapatos que contam uma história, semelhantes aos que pintou Van Gogh. Forma e afeto.

O cotidiano é o espaço dos afetos.

Gesto e (não) Cor

Com o tempo, aumento da importância da gestualidade, do descompromisso com o modelo no sentido de uma "fidelidade" ao real. Objetos ou retratos, pouco importa: a figura humana comparece ao mesmo título que qualquer objeto. Um motivo a mais; em tudo semelhante aos demais. O que importa, cada vez mais, é o gesto e a cor.

O papel da cor: cada vez mais intensa e tendendo à monocromia: um espaço invadido pelo verde, ou pelo vermelho. Um espaço verde, um espaço vermelho.

A saturação (formal e psicológica) da cor e pela cor, levou a um questionamento: "de repente, me perguntei como ficaria aquela mesma imagem sem a cor, se sobraria algo, se ela se sustentaria... E resolvi experimentar o gesto só em preto e branco." *Da saturação da cor, à não-cor.

Escovas

"Examinando minha escova de cabelos, fiquei fascinada pelo movimento das cerdas..."* O impulso ainda é o mesmo: a procura do objeto próximo, cotidiano, anônimo. Mas o olhar mudou, progressivamente: o que interessa agora é o movimento das linhas e das massas. O foco deslocou-se de um referencial predominantemente afetivo, para outro, basicamente formal. É a fase de transição à não-cor.

Escovas, escovas e escovas. O objeto olhado, estudado, manuseado. O gesto que vai se soltando progressivamente. A forma que vai acompanhando a crescente liberdade. Necessidade de "entrar dentro da escova, semelhante a um fio de cabelo... "*

Pronto, o grande passo foi dado: do estudo do objeto ao mergulho em seu interior; da documentação de sua forma externa ao registro de suas potencialidades propriamente formais.

A escova descabelada, desmontada, destruída — e o desenho, pelo contrário, cada vez mais livre e forte.

O prazer de confeccionar o material, o prazer de mergulhar no objeto, implodi-lo; o prazer do fazer, do gesto, da sensualidade dos materiais (pastel preto, grafite e, em alguns trabalhos, purpurina prata)...

Portas

"Procuro imaginar o quadro como uma porta, pensando: se eu abrir esta porta, o que haverá do outro lado?"*
Porta: nesta conotação, o oposto da "janela" renascentista. A janela aberta era a demonstração do mundo visível, a porta que se abre é a descoberta/criação de mundos. Abrir a janela é olhar de dentro para fora; abrir a porta é sair para fora, descobrir, lançar-se no mundo. Ou sair para dentro? Em que mundos nos lançamos com a arte?

A escova transformada em selva, em mundo — tal como a perceberia, hipoteticamente, o fio de cabelo... Da valorização inicial dos objetos pela pintura, ao objeto como pretexto para a pintura.

Frestas

Nos últimos trabalhos, estreitos, horizontais ou verticais, a idéia de fresta. Na fresta/tela horizontal, mudança do gesto, que passa a lembrar a escrita. Ideogramas." Aqui, lá, onde se encontram esses traços mais escuros, imagino escritos soltos..."*
A magia da palavra, da escrita a ser decifrada. Decifrar: descobrir outro mundo, com sua história, com sua estória. Decifrar assemelha-se a espiar.

Espiar. Espiar pela fresta da porta. A escova já ficou para trás; restou a selva/escrita/mundo e o jogo de sentir medo de sair para fora... Artista e espectadores como voyeurs dos signos, palavras, imagens. A arte, sempre envolve o olhar, alguma forma de olhar — aqui, esta função é apenas mais explícita.

---

* Entrevista de Elida Tessler à autora, maio/1988

ELIDA TESSLER
Porto Alegre, RS, 1961
End. — Rua Felizardo, 322/502 — POA — RS — 90610

Artista plástica formada em Desenho pelo Instituto de Artes UFRGS em 1984. Desenvolveu estudos teóricos no curso Especialização em Artes Plásticas — Suportes Científicos e Praxis — PUC — RS, finalizado em 1986.

Cursos

1983 — Oficina de desenho com Marcos Coelho Benjamim — Festival de Inverno, Diamantina — MG
— Curso de desenho com Carmem Moralles — POA
1983/84 — Orientação de trabalho em desenho com Teresa Poester — POA
1984 — Curso de desenho com Rubens Gerchman — POA
— Curso de desenho com Karin Lambrecht — POA
1984/86 — Orientação de trabalho em desenho e pintura com Heloisa Schneiders da Silva e Karin Lambrecht — POA
1987 — Curso de desenho com Carlos Fajardo — POA
1987/88 — Curso de pintura com Michel Chapman — POA

Participação em Salões e Exposições

1982 — 1.º Salão Arte Universitária UFRGS — POA — RS
1983 — 2.º Salão Arte Universitária UFRGS — POA — RS
— 3.º Jovem Arte Sul América — Brasil Sul — MARGS — POA — RS
1984 — 4.º Jovem Arte Sul América — Brasil Sul — Curitiba — PR
— 6.º Mostra de Desenho Brasileiro — Museu de Arte Contemporânea — Curitiba — PR
— XIII Salão do Jovem Artista (3.º prêmio — desenho) — POA — RS
1985 — "OI TENTA" — Exposição coletiva de inauguração da galeria Arte e Fato — POA — RS
1986 — 43.º Salão Paranaense — Museu de Arte Contemporânea — Curitiba — PR
1987 — "Tudo Azul" — Exposição coletiva — Galeria Arte e Fato — POA — RS
— 4.º Salão do Artista — Pelotas — RS
— 44.º Salão Paranaense — MARGS — RS e MAC — PR
— XIX Salão Nacional de Arte — Museu de Arte de Belo Horizonte — MG
— "O Rever das Missões" — ação pictórica. Painel coletivo realizado no Parque Farroupilha — POA — RS
1988 — Exposição individual de desenhos — MARGS — POA — RS
— "Cada um por si, todos do Sul" Exposição coletiva — Galeria da UFF — NITERÓI — RJ

Atualmente divide atelier com Gisela Waetge e Mario Fontanive

foto: martin streibel

desenho sobre papel sobre tela
preto e branco 1988
dim: 2,50 x 1,00 m

ELIDA TESSLER

foto: martin streibel

desenhos

MARGS

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Conselho de Desenvolvimento Cultural/RS
Museu de Arte do Rio Grande do Sul

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão do Conselho de Desenvolvimento Cultural, tem o prazer de convidar para a exposição

ELIDA TESSLER
desenhos

às 19 horas do dia 5 de julho — Salas Negras

Período de exposição: 5 de julho a 31 de julho de 1988
Visitação: de terça a domingo das 10 às 17 horas
Projeto Gráfico: Gisela Waetge
Apoio cultural: BRDE, FERRAGENS IGOR, IN LINGUA, TINTAS KRESIL

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
Praça da Alfândega — Porto Alegre-RS

Direção: Vasco Prado
Carlos Scarinci
Miriam Avruch